

XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

ENTRE O TORCER E O PERTENCER: VIVÊNCIAS DE TORCEDORAS E A GEOGRAFIA CULTURAL DO FUTEBOL

Stéfany Pereira¹

Paula Vanessa de Faria Lindo²

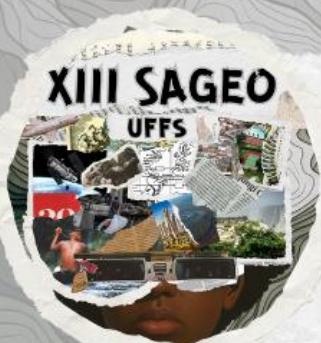
Introdução

O futebol é um elemento importante da cultura brasileira. O esporte, de acordo com Camila Oliveira, (2021, p. 276), “é um artefato cultural que ensina comportamentos, valores e formas de agir. Esses comportamentos são representados e experimentados de formas diversas em função do contexto em que estiverem sendo vivenciados”. O esporte bretão ocupa um papel central na vida social e cultural de milhares de brasileiros e brasileiras, contudo, sabemos que a presença masculina reverbera nesse espaço, sendo normalizados comportamentos masculinizados e heteronormativos, fazendo com que grupos subalternizados se mantenham afastados ou, em grande maioria, sempre atentos aos seus arredores.

Neste trabalho, o aporte teórico de Michel Foucault também se mostra pertinente, uma vez que seus conceitos de poder, corpo e resistência permitem compreender como as torcedoras experienciam formas de disciplinamento, mas também produzem resistências e subversões dentro dos espaços futebolísticos. Assim, a análise das vivências femininas no torcer se articula tanto com a geografia cultural quanto com a perspectiva foucaultiana, evidenciando o futebol como campo de disputas de poder e produção de subjetividades. Diante disso, esse estudo se propõe a investigar as vivências de duas torcedoras gremistas, destacando as narrativas e experiências das torcedoras gremistas à luz dos conceitos de corpo, poder e resistência, evidenciando as estratégias de subversão e pertencimento

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Erechim. Licenciada em Geografia – UFFS e professora da Educação Básica; e-mail: stefanypereira97@gmail.com

² Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Erechim. Doutora em Geografia pela UNESP; e-mail: paula.lindo@uffs.edu.br



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

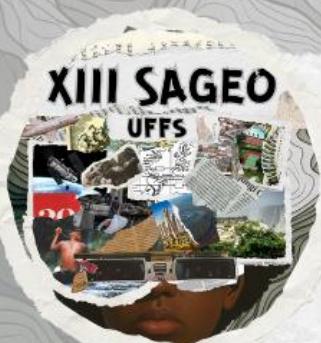
produzidas por elas nos espaços de torcer, compreendendo como elas se relacionam com o esporte no dia a dia através da perspectiva da Análise de Conteúdo, Bourdieu e Foucault.

Metodologia

Esse estudo se propõe analisar através da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). A análise de conteúdo pode ser compreendida como uma forma organizada e sistemática de dar significado e categorizar os dados coletados através da entrevista. A análise de conteúdo serve para confirmarmos hipóteses ou de descobrir algo a mais naquilo que se propõe a pesquisar. Através da entrevista decidimos utilizar a metodologia de Bardin. Primeiramente, organizamos as perguntas da entrevista semiestruturada em quatro blocos e um com reflexões livres, totalizando 17 perguntas, focando na vivência das torcedoras com o futebol, suas conexões com o esporte, mas também enfatizando mais as experiências na vida adulta.

O perfil traçado para a escolha das duas entrevistadas que será apresentado neste trabalho), uma gremista e uma colorada com vivência com o esporte, dentro de uma torcida organizada, entretanto, não foi possível encontrar ambas. Então, foi escolhido duas torcedoras gremistas que moram longe da capital gaúcha Porto Alegre, mas que acompanham e se identificam como torcedoras fanáticas pelo tricolor. O contato com essas duas torcedoras (que já eram conhecidas da autora) foi realizado através de *Whatsapp* e a entrevista ocorreu na plataforma *Google Meet* nos dias 29 e 30 de julho de 2025. A duração total da entrevista foi de 01 hora, 15 minutos e 52 segundos com 12 páginas. As duas entrevistadas são mulheres brancas, cis, com orientações sexuais distintas, bisexual e heterossexual. A entrevistada Montoya³ é professora e estudante, catarinense, tem 26 anos e reside no litoral

³ As entrevistadas foram identificadas com nome de jogadoras atuais do time profissional feminino do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

catarinense. A entrevistada Letícia é professora e estudante, gaúcha, tem 26 anos e reside no norte do estado do Rio Grande do Sul.

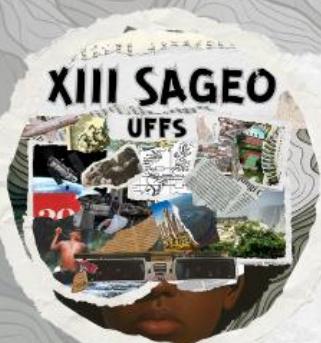
Discussão e Resultados

Após ouvir o relato das duas torcedoras e transcrevermos as entrevistas, criamos quatro categorias para termos uma maior compreensão do fenômeno do futebol na vida delas, são elas: 1) Conexão com o futebol; 2) Espaços do torcer; 3) Masculinidade hegemonic; 4) Estratégias de resistência⁴. Na categoria conexão com o futebol, a torcedora Montoya respondeu que a maior conexão com o clube foi a partir de 2016, com a conquista da Copa do Brasil, e no ano de 2017 após conhecer sua amiga, passou a acompanhar fervorosamente o esporte, não ficando reclusa apenas ao time do coração. Já a torcedora Letícia evidencia que a conexão veio da herança familiar do pai para ela e que era comum ouvirem a rádio gaúcha juntos, escutando as narrações dos jogos do tricolor. Letícia também traz uma memória que é compartilhada pelos seus pais de quando ainda era um bebê.

[...] eu acho engraçado que meus pais eles sempre contam uma história porque eles dizem que eu sou muito fanática né e aí eles sempre contam a história de que quando eu nasci tipo eu tinha uma semana assim e a minha mãe ainda tava meio mal em casa e tal tinha jogo do Grêmio e aí meu pai eu tava dormindo com a minha mãe quando começou o jogo eu comecei a chorar aí meu pai me pegou e me levou na frente da aí enquanto eu ficava na frente da TV vendo o jogo eu parava de chorar aí ele me botava de volta na cama chorava de novo e eles dizem que isso foi durante o jogo inteiro e quando acabou o jogo eu dormi e não incomodei mais.

Podemos perceber que a identificação e o torcer são tradições que são inventadas, ao longo do tempo, como Hobsbawm e Ranger (1984) afirmam. Isto é, a prática, o ritualismo e o simbolismo agregam valor a esse comportamento. Na categoria espaços do torcer, a torcedora Montoya salienta que o acesso ao estádio é difícil, pois ela mora em outro estado, além da logística atrapalhar, se sobressai os

⁴ Este trabalho é um recorte de um artigo trabalhado em uma disciplina do mestrado. Estamos trabalhando para ser publicado.



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

custos, então, a entrevistada costuma acompanhar os jogos em casa porque ela não tem ninguém para acompanhar num espaço público.

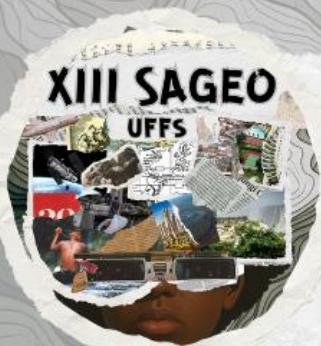
[...] então nesses locais que o pessoal tá torcida mista né ou até às vezes um Grenal eu tenho um certo receio de sim sabe principalmente por ser mulher né também, mas também porque eu acho que eu preferiria estar em casa assistindo sabe. (Relato de Montoya)

[...] na minha na casa, do meu pai e quando em estádio né, mas na maior parte do tempo é com amigos ou na casa de amigos [...] quando o Grêmio vinha pra Erechim e tal então quando o Grêmio ainda vem no gauchão eu sempre vou e fui ali duas vezes na arena tive a oportunidade também ano passado de ir pra pra Chapecó mas assim eu gostaria de demais né o problema é as condições financeiras. (Relato de Letícia).

Durante a entrevista com ambas mulheres, percebeu-se que mesmo quando a pergunta não direcionava diretamente alguma questão de gênero, o gênero sempre acabava sendo evidenciado, tal como Butler argumenta (2021, p. 21) que “[...] o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” e “[...] se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”. Isto é, o olhar interseccional se faz necessário a todo momento, pois o gênero não existe isolado e os marcadores sociais sempre atravessarão, principalmente falando de ambientes hegemonicamente construídos como masculinos.

Na categoria masculinidade hegemônica, destacamos os seguintes relatos: As vezes a gente ia no consulado a maioria era tipo nós de mulher mais as esposas às vezes dos homens que estavam lá, 90 por cento eram eram homens né que estavam lá e eu sentia que existiam alguns olhares assim pra gente tipo o que que elas tão fazendo aqui então eu acho que esses esses preconceitos eles sempre vem. (Relato de Montoya)

Diante desses dois relatos iniciais, Bourdieu (2024, p. 24) através da dominação masculina, explica que a força da ordem masculina se evidencia e não precisa ser justificada, só é aceita. O autor colabora que a ordem social funciona com simbolismos que se alicerça na divisão sexual do trabalho, nas atividades distribuídas para cada sexo, do local...e isso corrobora para determinados espaços serem atrelados a dominação masculina como o próprio conceito de espaço sem definição



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

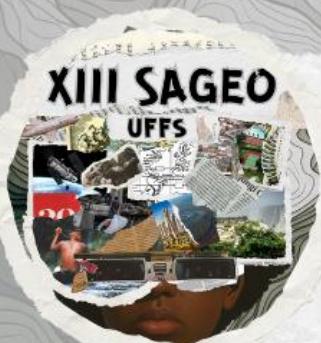
A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

e as mulheres reserva-se o lar, o doméstico. Ou seja, o estranhamento a partir dos olhares dos homens para ela e suas companhias diziam, mesmo que sem estar explícito, que não eram bem-vindas a aquele local. Na mesma categoria, Letícia relata uma situação que vivenciou enquanto acompanhava um jogo em estádio:

Ano passado que eu fui daí no Grêmio e Vasco em Chapecó que também né foi aquela situação com aqueles marmanjo velho lá que eu fui sozinha daí eu e não tinha nenhuma mulher no ônibus na parte de cima só tinha a companheira do organizador acho né mas a gente foi separado e tal então eu era a única mulher em cima no ônibus e eu não tinha ninguém de conhecido e aí sim fiquei lá sozinha e tal mas lá pelas tantas teve esses caras que me chamaram pra ficar junto e no início eles estavam bem tranquilos bem respeitadores ali a gente manteve uma conversa normal né sobre ah o que você faz e tal eles pediram se eu gostava de futebol né, tipo vim pra passear de certo, ficaram insistindo com coisas enfim e daí foi um momento meio triste também e tenso né porque eu tava sozinha eu era a única mulher e tipo eu não tinha pra quem recorrer exatamente né e eles não fizeram nada né mas tipo ah aquilo fez eu me sentir mal porque eu fiquei me sentindo meio que uma vagabunda né tipo do jeito que eles falavam parece que tô aqui como se eu tivesse buscando algo diferente, não pra acompanhar o futebol.
(Relato da Letícia)

Vemos o controle disciplinador dos corpos, sexualizando e atormentando, corroborando aos papéis tradicionais impostos, com isso Foucault (2024, p. 110) salienta que “o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e 11 permite barrá-lo”. Em consonância, Bourdieu (2024, p. 68) atribui que “a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos”. Dentro disso, podemos ainda associar o conceito de biopoder, estabelecido por Foucault, com essa vigilância internalizada, principalmente na fala de Letícia que diz “eu fiquei me sentindo meio que uma vagabunda né tipo do jeito que eles falavam”, isso significa que nos autovigiamos e nos autopunimos, mesmo que a ação venha de terceiros. Bourdieu ainda enfatiza que essa violência simbólica acaba sendo aceita e reproduzida nos corpos.



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

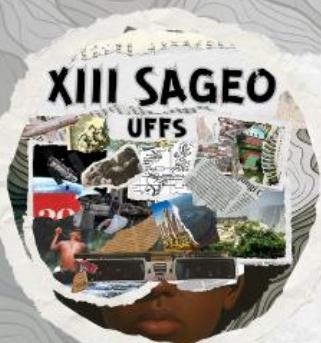
A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

Considerações Finais

Através das entrevistas realizadas com Montoya e Letícia, pudemos perceber e salientar de fato como as relações de poder e a violência simbólica estão presentes no cotidiano, ainda que, nesse contexto dessas duas torcedoras, alguns marcadores sociais nem foram levantados, visto que são duas mulheres brancas e cis. Percebemos ao longo dos relatos como o futebol é importante e faz parte da identidade das torcedoras, não apenas nas entrevistadas, mas num geral, daqueles e daquelas que se fazem presente no movimento futebolístico. Nesse sentido, a Geografia Cultural é essencial para entendermos as identidades, memórias e as representações sociais envolta desse espaço denominado como masculino e marcado pelas relações de poder e dominância. Mas vejamos que os espaços do torcer e pertencer ainda são desiguais, já que para essas duas torcedoras, a logística e o custo para adquirir ingressos torna-se inviável, e claro, além da insegurança e medo perante a vigilância para com os corpos femininos. Ou seja, o ato de torcer é um campo marcado pelas disputas espaciais e culturais. Contudo, sabemos que o cenário do século XXI perante o passado é extremamente positivo, uma vez que estamos conseguindo se fazer presente em diversas áreas do futebol, tal como: estádios, consulados, presidência de clube, jornalistas esportivas, comentaristas, jogadoras, técnicas e assim por diante. Como pontuou Letícia, a educação, com toda certeza, faz parte dessa mudança, mesmo que gradual. Devemos incentivar e educar desde cedo no núcleo familiar e escolar que os locais são de quem quiser se fazer presente.

Palavras-chave: Futebol; análise de conteúdo; entrevistas; gênero.



XIII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA

A educação pelas imagens e suas geografias

DE 20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

Referências

ALBERTI, Carolina. Mulheres ainda têm ir a estádios de futebol e cobram maior segurança. UOL Notícias, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: UOL Esporte. Acesso em: 2 ago. 2025

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 1977. 93- 150p.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kühner. 23. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024. Tradução de La domination masculine.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. Tradução de Renato Aguiar.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Futebol e Geografia: possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação do futebol. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, 1, 2006, Curitiba. Anais [...] Curitiba: 2006, p. 1 – 14.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. O espaço de representação do futebol: uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. R. Ra É Ga, Curitiba, n. 11, p. 35-49, 2006.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995. FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade - Volume 1 - a vontade de saber. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2024. GROSSI, Miriam Pillar (org.). Identidade de gênero e sexualidade. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.